**FASUL EDUCACIONAL EAD**

**JOCIANE MARQUES CABOCO ANTUNES**

**CONTRIBUIÇÃO DO AEE PARA INCLUSÃO DO TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Dourados**

**2023**

JOCIANE MARQUES CABOCO ANTUNES

**CONTRIBUIÇÃO DO AEE PARA INCLUSÃO DO TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título especialista em Atendimento Educacional Especializado e Recursos Multifuncionais.

**Dourados**

**2023**

**CONTRIBUIÇÃO DO AEE PARA INCLUSÃO DO TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

jociane marques caboco antunes,

Declaro que sou autora deste Trabalho de Conclusão de Curso. Declaro também que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daqueles cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, declaro, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de violação aos direitos autorais. (Consulte a 3ª Cláusula, § 4º, do Contrato de Prestação de Serviços).

**RESUMO:** Este projeto tem como objetivo compreender a importância da intervenção do profissional de Apoio à Educação Especial na sala de aula e dos recursos multifuncionais para a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista, levando em consideração a realidade dos alunos e dos professores envolvidos, além de considerar a relevância da participação da família no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças. No entanto, essa é uma observação de suma importância, pois a inclusão de alunos com TEA requer um planejamento adequado e recursos específicos para atender suas necessidades individuais. Com base em leituras de textos, artigos, na busca pela informação e compreensão do TEA e em especial do TEA de grau leve, e aprofundando-me em estudos sobre a Constituição de 1988 onde a educação passou a ser considerada um direito para todos e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB por meio dos artigos 29 e 30 a Educação Infantil (primeira etapa da educação básica) é oferecida em creches e em pré-escolas para alunos com diagnósticos de autismo ou demais transtornos. E ainda na Lei Berenice Piana (12.764/12) que instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Posteriormente com pesquisas de algumas outras obras e demais teóricos. Pesquisa Bibliográfica: abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, textos legais, documentos mimeografados ou xerocopiados, mapas, fotos, manuscritos etc. Tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Segundo Lakatos, “a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”.(1992, p.44) Uma de suas características principais é dar ao pesquisador uma bagagem teórica variada, contribuindo para ampliar o conhecimento e fazer da pesquisa um material rico sobre o assunto, fundamentando teoricamente o material a ser analisado. Assim, faz com que o pesquisador além de ampliar seus conhecimentos, torne-se um leitor na busca e levantamento dos dados e informações.

**PALAVRAS CHAVES:** Transtorno do espectro autista. Inclusão escolar. Apoio Educação Especial. Ensino aprendizagem.

Jociane\_\_marques12@hotmail.com

1. **INTRODUÇÃO**

No Brasil vem aumentando o número de diagnóstico de TEA, podendo hoje ser identificados casos antes dos 18 meses de idade. A análise dos sinais do TEA já na primeira infância leva a família ao caminho para um tratamento precoce. Tal fator eleva a possibilidade de sucesso no desenvolvimento através das intervenções feitas. Estamos aqui, literalmente, tratando de uma corrida contra o tempo. Sobre isso, Cruz (2014) afirma:

Os primeiros sinais tornam-se perceptíveis antes dos três anos de idade, mas em alguns casos, já pode ser detectado logo nos primeiros meses de vida, por isso torna-se de extrema importância a observação do comportamento e desenvolvimento da criança, seja por familiares ou profissionais envolvidos com ela (cuidadores, professores). (Cruz 2014)

Observamos que atualmente a rede de ensino regular cada vez mais tem recebido alunos com o diagnóstico de TEA. Mas quando se reflete sobre inclusão desse aluno, muitos questionamentos se levantam e com eles várias ideias surgem como soluções. No entanto, muito se fala, mas pouco se faz. Sobre isso Orrú (2012) diz:

[...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (ORRÚ 2012, p. 37).

Nessa mesma perspectiva percebemos que há alguns anos, pouco ou nada se conhecia sobre o TEA, mas com a facilidade de acesso a informações que a própria internet proporciona, muitos temas passaram a ser debatidos dando voz e espaço a quem antes passava despercebido ou era compreendido de forma equivocada. No entanto, existem escolas e professores que ainda não sabem muito as características dessas crianças e tampouco conhecem a maneira que devem incluir no sistema de ensino, sendo assim é relevante o conhecimento de como os professores, coordenadores e pais estão procurando alternativas para garantir a aprendizagem desse aluno Capellini (2001 apud PRAÇA, 2011) que expressa o seguinte:

As ações que apresentam sucessos em sistemas inclusivos mostram que é imprescindível alterações em suas práticas passando desde diminuição do número de alunos por classe, [...], plano individual de ensino, melhoria da formação profissional [...], com uma pedagogia centrada na criança baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, e que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização/ sensibilização (CAPELLINI, 2001 apud PRAÇA, 2011, p. 58).

 A educação inclusiva é um conceito que busca promover a participação plena e igualitária de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, emocionais, intelectuais ou sociais, dentro do ambiente escolar regular. O objetivo é garantir a igualdade de oportunidades e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao abordar o TEA como assunto de discussão, é possível proporcionar uma oportunidade de crescimento e aprimoramento dos saberes acerca do processo de inclusão, levando em consideração a importância do Atendimento Educacional Especializado. Dando mais um passo em direção ao objetivo a ser alcançado, através da seguinte reflexão: Quais os principais desafios encontrados pelos pais, educadores e a escola na inclusão e processo de ensino aprendizagem de alunos com TEA?

Os principais teóricos que foram utilizados e que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento sobre o assunto foram os pesquisadores: Kanner (1997), Mantoan (2003), Orrú (2012), pois realizam pesquisas contínuas.

Embasando-me em: leituras de textos, artigos, na busca pela informação e compreensão do TEA e em especial do TEA de grau leve, e aprofundando-me em estudos sobre a Constituição de 1988 onde a educação passou a ser considerada um direito para todos e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB por meio dos artigos 29 e 30 a Educação Infantil (primeira etapa da educação básica) é oferecida em creches e em pré-escolas para alunos com diagnósticos de autismo ou demais transtornos. E ainda na Lei Berenice Piana (12.764/12) que instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Posteriormente com pesquisas de algumas outras obras e demais teóricos.

Pesquisa Bibliográfica: abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, textos legais, documentos mimeografados ou xerocopiados, mapas, fotos, manuscritos etc. Tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Segundo Lakatos, “a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”.(1992, p.44) Uma de suas características principais é dar ao pesquisador uma bagagem teórica variada, contribuindo para ampliar o conhecimento e fazer da pesquisa um material rico sobre o assunto, fundamentando teoricamente o material a ser analisado. Assim, faz com que o pesquisador além de ampliar seus conhecimentos, torne-se um leitor na busca e levantamento dos dados e informações.

**2. DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO:**

**BREVE HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DO AUTISMO:**

De acordo com Goulart e Assis (2002), o autismo foi relatado pela primeira vez como Autismo Infantil Precoce, por Kanner (1943), onde estudou um grupo de crianças e caracterizou suas condições clinicas, podendo observar as limitações de relacionamento com outras pessoas e com objetos. Além disso, constatou a desordem no desenvolvimento da linguagem. A caracterização do Autismo se referia a um comportamento de isolamento e auto estimulação que as crianças apresentavam. Acreditando ainda que as causas estavam associadas à falta de afeto dos pais, isto é, um relacionamento frio, dando origem ao termo “mãe de geladeira”.

O transtorno do espectro autista é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, incluindo dificuldade na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. O diagnóstico do transtorno do espectro autista também requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, podendo ser classificado em níveis conforme sua gravidade, sendo 1, 2 e 3 (DSM-V, 2013).

Nível 1 “Leve”: Déficits brandos na comunicação e interação social, inflexibilidade de comportamento, possuindo características mais sutis do que em outros graus (DSM-V, 2013).

Nível 2 “Moderado”:  Déficits moderados nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, interações sociais, Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança, tem dificuldade de mudar o foco ou as ações(DSM-V, 2013).

Nível 3 “Severo”: Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima, Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança, possui comportamentos restritos e repetitivos, apresenta grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações. (DSM-V,2013).

 **A INCLUSÃO DO AUTISTA**

Segundo a lei 12.764/2012 de Berenice Piana, que estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, pensando no acesso a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino e atendimento por profissionais capacitados a desenvolver atividades com vistas à inclusão, a referida lei garante ao aluno o direito de estar na escola comum e ter atendimento especializado.

Desde que adotadas metodologias adequadas e planejamentos específicos, o aluno com TEA de grau leve pode perfeitamente aprender tudo o que os outros alunos aprendem. As atividades precisam ser adaptadas e bem elaboradas, buscando sempre algo enriquecedor e inovador atendendo as necessidades do aluno. Sobre isso Carvalho(2009, p. 60): “barreiras existem para todos, mas alguns requerem ajuda e apoio para seu enfrentamento e superação...”.

A importância do profissional qualificado para atender as crianças autistas é fundamental na formação das mesmas. Para tanto, é necessário que a escola esteja engajada no processo, trabalhando em conjunto, de forma que toda a equipe se envolva, desde a coordenação, gestão até os serviços gerais. É um trabalho em conjunto e uma aldeia de pessoas precisa estar funcionando perfeitamente. Entende-se que a criança se adapta buscando caminhos que facilitam seu processo de aprendizado e o professor é o principal mediador nesse processo. A qualidade do ensino depende da qualificação do mesmo. O educador deve estar sempre em busca de novos conhecimentos, se atualizando, aprendendo para ensinar e pronto para trazer ao aluno novas possibilidades, sendo criativo, dinâmico e flexível em sua metodologia.

 Sempre e em todas as circunstâncias o desenvolvimento agravado por um defeito constitui um processo (orgânico e psicológico) de criação e recriação da personalidade da criança, sobre a base da reorganização de todas as funções de adaptação da formação de novos processos sobre-estruturados, substitutivos, niveladores, que são gerados pelo defeito e pela abertura de novos caminhos para o desenvolvimento (VIGOTSKI, 1997, p. 16).

O profissional do Atendimento Especializado Educacional pode ser um profissional muito importante para essa caminhada, pois ele quem pode perceber os comportamentos que o aluno apresenta e a partir do que foi observado fazer as intervenções necessárias, para a inclusão do mesmo.

A ação do professor deve sempre focar na necessidade especifica de cada criança para que a inclusão ocorra de forma natural. Evidenciando as potencialidades, respeitando as limitações. Valorizando a qualidade das relações e não se esquecendo que o conteúdo é importante, mas se não houver afeto, não existe possibilidade para a troca de experiências.Schmidt (2013) declara que:

Trocas transdisciplinares constantes entre equipes e o professor estariam municiando a escola com as informações que contribuíram com a qualificação da experiência educacional do aluno com autismo. Ao mesmo tempo, o professor poderia colaborar com tal equipe oferecendo prestimosas informações sobre o dia a dia deste aluno seus comportamentos e aprendizagem, sem perder seu referencial pedagógico (SCHMIDT, 2013, p. 22).

O coordenador deve estar atento à escola que visa adaptar sua estrutura física. Oferecendo ao aluno a possibilidade de estar em um ambiente adequado e seguro, suprindo em tudo cada uma de suas necessidades. Mas é importante refletir que essas adaptações precisam incluir e não excluir ainda mais o aluno. Em muitas vezes o processo de inclusão falha nesse sentido, proporcionando a criança o inverso do que foi proposto. Isso ocorre por falta de conhecimento e pelo despreparo dos próprios profissionais da educação. Infelizmente essa realidade ainda é muito presente no contexto escolar, comprometendo todas as esferas. Alunos, família, corpo docente, processo inclusivo e estrutura. Um erro pode ser fatal e comprometer todo o âmbito.

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA INCLUSÃO ESCOLAR:**

A família é o alicerce e o reflexo de qualquer criança. Sua participação na vida escolar do aluno é de extrema importância para o desenvolvimento do mesmo. É nesse processo que a criança encontra incentivo, amparo, e segurança para sua evolução plena.

Eu tenho que introduzir ele. Eu não posso chegar, porque meu filho é especial, é uma criança especial, e botar ele dentro de uma redoma de vidro e andar com ele feito um passarinho preso na gaiola... Pelo contrário, eu acho que para o desenvolvimento dele, inclusive, ele tem que ver outras pessoas... às vezes ele está vendo uma criança fazer um negócio ali, que ele sente vontade de fazer, e sente dificuldade, mas que ele vendo... ele acaba imitando e daqui há pouco acaba fazendo também [...] (GLAT; DUQUE, 2003, p. 97 - 98).

Para tanto é necessário que a família participe ativamente das intervenções, entendendo que cada criança possui um tempo a ser respeitado e principalmente que toda comparação é injusta. A família precisa estar ciente de que a criança necessitará de sua constante presença e incentivo a cada passo dado, a cada objetivo alcançado.

Buscaglia considera esse período inicial da vida, como um dos mais importantes para o futuro das crianças com deficiência, pois “É nesse momento que receberão ajuda para formar atitudes básicas em relação à sua ótica futura – otimismo/ pessimismo, amor/ ódio, crescimento/ apatia, segurança/ frustração, alegria/ desespero – e ao aprendizado em geral” (1993, p. 36)

Depois da família, a escola é o ambiente mais adequado e essencial para o processo de socialização. A inclusão das crianças autistas com o apoio de atendimento educacional especializado, quando necessário, faz parte da atual política educacional brasileira. Mantoan (2003, p. 30): “[...] condições que contribuem para que as escolas se tornem espaços vivos de acolhimento e de formação para todos os alunos e de como transformá-las em ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos”.

Tratando-se de crianças com deficiência, estar por perto requer um esforço sincero e redobrado. O diálogo entre escola e família e profissionais do AEE nesse caso é a chave do sucesso. Ambos precisam estar em constante sintonia. Isso se reverterá em benefícios incontáveis para a criança, para a família e para a escola em geral.

É fundamental que exista uma combinação de esforços vindos de diversos campos profissionais. Objetivando a busca por consideráveis evoluções no desenvolvimento dos inúmeros aspectos priorizando a qualidade de vida educacional e social da criança.

Conforme Mantoan (2003, p.8) Estamos “ressignificando” o papel da escola com professores, pais, comunidades interessadas e instalando, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivência. É a escola que tem de mudar, e não os alunos, para terem direito a ela!”. Contudo é fundamental que a escola, profissional de ensino e toda a comunidade escolar tenha conhecimento sobre uma educação inclusiva e nesse sentido sobre o TEA, sendo possível lidar com essa criança explorando ao máximo seu potencial.

**3.CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Reconhecemos através dos estudos feitos sobre a inclusão, em especial sobre a inclusão do aluno com TEA, que muitas barreiras precisam ser rompidas como, a falta de conhecimento sobre esse transtorno, falta de qualificação profissional, adaptação de escolas para atender esse aluno, todas essas o psicopedagogo poderá dar um suporte relevante atendendo as partes interessadas. Sendo possível observar que precisamos ter essa preocupação em incluir o aluno autista no ensino regular de maneira estratégica e isso precisa sair da teoria e realmente acontecer na prática, para que aconteça um ensino de qualidade.

Ainda há muito trabalho pela frente, mas a educação inclusiva tem ganhado cada vez mais apoio e reconhecimento global. A busca pela igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade são fundamentais para a construção de uma sociedade inclusiva e para o desenvolvimento pleno de todos os indivíduos.

 Contudo é necessário que de fato haja a inclusão dessa criança, levando em consideração a suas capacidades e respeito por suas limitações, nessa perspectiva é importante que a escola esteja comprometida a inserir esse aluno, adaptando o âmbito escolar, tanto na sua estrutura física, como na capacitação de professores e de todos os envolvidos nessa missão. Desta maneira será inevitável a colheita de bons frutos nesse processo.

**4. REFERÊNCIAS**

BUSCAGLIA, L. Os deficientes e seus pais. Trad. Raquel Mendes. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1993

CARVALHO, R.E. Removendo Barreiras para a Aprendizagem - Educação Inclusiva. 8.ed, São Paulo: Saraiva, 2009

CRUZ, T. Autismo e inclusão: experiências no ensino regular. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

DSM-V. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. 97 p.

GOULART, P; ASSIS, G. J. A. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. Rev. bras. ter. comport. cogn. vol.4 no.2 São Paulo dez. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1517-55452002000200007> acesso em: 04 de setembro 2023.

GLAT, R. & DUQUE, M. A. T. Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2003.

KANNER, L. (1997). Os distúrbios do contato afetivo. In P.S. Rocha (Org.), Autismos (pp. 111-170). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1943). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1415-47142015000200307 acesso em: 09 de setembro de 2023.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. Metodologia Do Trabalho Cientifico /4 ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907 acesso em: 04/09/2023.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PRAÇA, E. Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2011. Disponível em: ..https://www.google.com/search?q=%3Chttp%3A%2F%2Fwww.ufjf.br%2Fmestradoedumat%2Ffiles%2F2011%2F05%2FDisserta%25C3%25A7%25C3%25A3o-E-lida.pdf%3E.&oq=%3Chttp%3A%2F%2Fwww.ufjf.br%2Fmestradoedumat%2Ffiles%2F2011%2F05%2FDisserta%25C3%25A7%25C3%25A3o-E-lida.pdf%3E.&aqs=chrome..69i57.1397j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8 acesso em:04/09/2023.

SCHMIDT, C. (Org.). Autismo: educação e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Papirus,2013.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Escrevendo e Normalizando Trabalhos Acadêmicos. Um guia Metodológico./2 ed-Florianópolis. Editora da UFSC, 2001.

VYGOTSKI, Lev Seminóvic. Obras Escogidas. Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor, 1997. Tomo V.